

PSICOLOGIA DA IMIGRAÇÃO

NAZIR HAMAD E
CHARLES MELMAN



Instituto
Langage

Impresso no Brasil

Copyright © da 1ª Edição, 2019, Instituto Langage

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.

EDITORES

Erika Parlato-Oliveira

Sergio Lopes de Oliveira

EDITOR TÉCNICO

Celso Riquena

PROJETO GRÁFICO

Thiago Pagin

CAPA

Concepção de Thiago Pagin sobre imagem do

© Cabinet de Fernando Bayro-Corrochano

TRADUÇÃO

Christine Leboucher

Regina Macêna

Roberta Maria Pereira da Prata

REVISÃO

Andrea Lauermann

Júlia Montenegro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hamad, Nazir; Melman, Charles / Psicologia da Imigração – São Paulo:

Instituto Langage, 2019.

144p.; 21 cm.

ISBN 978-85-62686-37-5

1. Psicanálise 2. Imigração 3. Clínica 4. Adoção 5. Política

CDD 150 CDU 159.9

INSTITUTO LANGAGE

Alameda Santos, 1398 - conj. 67 - São Paulo, SP

Telefone: (11) 3473 5458

www.institutolangage.com.br

institutolangage@institutolangage.com.br

facebook.com/Instituto-Langage



Instituto
Langage

- 6 Prefácio**
Eu era estrangeiro
- 15 Introdução**
- 18 Capítulo I**
Os países "falidos"
Um planeta falido
Os tsunamis demográficos
A resposta impossível
- 30 Capítulo II**
A França é plural
A questão ancestral
O discurso social e seus efeitos sobre o indivíduo
Pai singular, pai universal
O sonho interdito
Clivagem social
- 50 Capítulo III**
O preço a pagar por um refugiado
Os homens têm direitos
O preço a pagar para um adotado
- 64 Capítulo IV**
A questão da perda
O impacto da cultura e da língua
Tornar-se francês e suas consequências
As expressões e suas modalidades
- 76 Capítulo V**
Quanto vale uma vida?
O refugiado, uma adoção às avessas?
O escravagismo espontâneo
Em que se sustenta a adoção
Dentro fora
Quando o discurso não é mais comum
- 94 Capítulo VI**
Problemas globais, problemas sociais
- 114 Capítulo VII**
A criança é universal
O bebê é o filho dos pais da realidade
Como os laços familiares são construídos?
O balbúcio
As três modalidades de trança do relacionamento mãe-filho
Para que uma criança se torne "meu bebê"
Educação não é aquela na qual acreditamos
O destino é sempre outro
- 134 Conclusão**
As duas faces do estrangeiro

EU ERA ESTRANGEIRO



PREFÁCIO

A *Documenta de Kassel* de 2017 consagra um lugar importante à questão dos refugiados na Alemanha e no mundo. Um antigo refugiado, o nigeriano Olu Oguibe, revestiu o obelisco de 16 metros de altura com esta citação de São Mateus: "Eu era estrangeiro e você me acolheu", gravada em quatro línguas: árabe, inglês, alemão e turco, nas suas quatro faces. Este obelisco, revestido no meio da *Place Royale*, resumia o espírito da mensagem que esta *Documenta* queria enviar ao mundo. Uma outra inscrição na entrada do Museu Fridericianum, continha um texto de teor tão grave quanto pedagógico. Seu título: *Wir (alle) sind das Volk*, revela as preocupações dos organizadores: "Em um contexto de aumento da xenofobia e do racismo, o termo alemão *Volk*, 'o povo', tem um sentido simbólico muito importante. Quem forma o povo, ou ainda, a qual povo este termo se refere? Se falamos do povo como comunidade de cidadãos de um país, do povo composto por indivíduos iguais perante a lei, que criam a base da democracia, todos aqueles que não são reconhecidos pela lei e que não são membros legais do Estado estão excluídos do termo 'povo'. 'Nós todos somos o povo' e sua inscrição nas diversas línguas faladas pelos habitantes de Kassel, faz referência na intenção de Hans Haacke, à diversidade da população deste país."

O propósito de Kassel é uma vontade inscrita de lutar contra o aumento racista dos populistas alemães. Este, "nós somos o povo", encontra um eco dramático na declamação de J.-L. Mélenchon: "a rua que abateu os nazistas"¹ perante a massa de seus eleitores em Paris, em setembro de 2017. Todos os populistas

1. Referindo-se à liberação de Paris, em agosto de 1944, comparando assim o governo atual aos nazistas.

atuais dirigem-se ao povo. O povo tornou-se o argumento último, para todos aqueles que não tem outros argumentos, frente às mudanças econômicas, sociológicas, climáticas e demográficas. De fato, populações inteiras, nos quatro cantos do mundo, estão submetidas aos efeitos nefastos destas mudanças. Todos estamos submetidos aos responsáveis pela economia mundial. Mesmo no meio da Amazônia, tribos que viviam ao abrigo do resto do mundo durante séculos, atualmente são caçadas, porque a terra na qual residem é desejada por ricos exploradores agrícolas ou por mineradores.

Pouco importa onde o homem resida, ele sofre diretamente ou indiretamente, como sempre foi o caso, as consequências da evolução mundial. Atualmente, esta evolução é tão rápida, tão radical e tão brutal, que populações inteiras desestabilizadas e empobrecidas se deslocam para sobreviver sob outros céus. O exemplo dos refugiados sírios é emblemático. Eles não são, entretanto, os únicos a bater às nossas portas. As filas nas fronteiras de muitos países crescem de forma alarmante, e estamos frente a um mal já feito. Abrir ou fechar as fronteiras não altera a situação, nenhum obstáculo impede as pessoas decididas a trocar de horizonte e a alcançar o seu objetivo.

Muitos são os jovens que se lançam nestas aventuras. São centenas de milhares chegados na Europa, que procuram se instalar. Eles não são todos "esfomeados", alguns tinham meios materiais que permitiam viver confortavelmente no seu país, mas preferiram fugir pois não era mais possível sonhar. Deixamos um país em guerra, um país pobre, um país com regime tirânico e arcaico, como deixamos um país rico porque em outros somos melhor remunerados.

Atualmente a questão é simples: qual destino reservamos a esta população tão múltipla como diversa que se instala no nosso país? Nossos países estão em condição de absorvê-los e de adotá-los?

Consideraremos esta população como uma parte da nação fazendo a aposta, a única válida, que estes homens e estas mulheres dignamente acolhidos e integrados, poderiam representar uma esperança no plano demográfico e econômico? A aposta de Angela Merkel na Alemanha parece estar ganha. O jornal *Le Monde*, em janeiro de 2017, escreveu: "1,1 milhão de imigrantes causou na economia alemã um efeito de um verdadeiro plano de crescimento. Sugerida pelos economistas no final do ano, esta hipótese foi amplamente confirmada pelo Instituto Federal de Estatísticas Destatis. O crescimento da economia alemã, 1,9% em 2016, é meio ponto superior à média dos últimos 10 anos, 1,4%. Marcel Fratzscher, presidente do Instituto de Economia de Berlim estima em 0,3% o impacto dos refugiados no crescimento de 2016. O efeito positivo dos refugiados sobre as performances econômicas do país vai ser reforçado nos próximos anos. Sua integração poderá aumentar o crescimento em 0,7%."

Mas os refugiados na Alemanha não trouxeram apenas benefícios. O país, como outros da Europa, conhece o aumento de uma corrente populista potente que não tolera a presença desses estrangeiros no solo nacional. Estes mesmos refugiados acolhidos com um ímpeto humano sem precedente, correm o risco de conhecer dias difíceis que podem paralisar o processo de sua integração no seio do país. A rejeição destes estrangeiros pelos populistas, comporta um outro risco também dramático: uma retirada comunitária, que viria frear a vontade de muitos a entrar no anonimato do cidadão médio, na nova cultura. Dito de outra forma, o destino dos refugiados em cada país é diretamente relacionado à forma como eles são tratados.

Acolher os refugiados coloca as mesmas dificuldades que conhecemos na clínica da adoção: os anfitriões devem resolver fazer de duas origens diferentes uma única.

Esta clínica nos ensina que a adoção sempre remete, tanto os pais como as crianças, à questão da origem. Todos aqueles que

tiveram a oportunidade de trabalhar nesta área sabem que, em um momento ou outro, a questão da criança biológica ressurgir nos pais adotivos e que as crianças adotadas buscam encontrar elementos do próprio passado que se transformam em indispensáveis.

Nós encontramos essa mesma busca da origem nos franceses nascidos de pais estrangeiros. Qual é a natureza deste objeto faltante que poderia religar duas culturas, dois países e duas histórias? Trata-se de uma perda real, esta perda normalmente encontra a sua origem no trabalho psíquico de cada um para construir seus mitos individuais, fornecidos pela cultura de acolhimento que o considera como membro e lhe oferece os meios para identificar-se aos ideais da nação. Mas, quando o discurso dos pais adotivos faz escutar que sua criança está sempre em posição de criança adotada, ou quando o discurso social ou oficial rotula as crianças originadas de imigração com o status de Francês de primeira, segunda ou terceira geração, há a crença que essas crianças estão condenadas como sendo francesas à parte. É justamente esta a ferida: essas crianças, como as crianças subsequentes, são suscetíveis de serem o alvo privilegiado de populistas que tendem a fazer deles o tema favorito de sua demagogia discriminatória.

Na adoção, também os problemas são frequentemente frutos do entorno das crianças e dos pais adotivos. Um caso célebre foi o discurso de Philippe Labro, na igreja de Madeleine, durante a cerimônia de obséquio de Johnny Hallyday em dezembro de 2017. No seu discurso, ele descreve Johnny como "duas vezes pai", e esquece, sem perceber, de Jade e Joy, as duas filhas adotivas do cantor; ele se justifica dizendo que cometeu o erro sob o efeito da emoção.

Nós sabemos que Johnny fez a solicitação de adoção como um candidato qualquer. Ele se apresentou para as entrevistas habituais e recebeu o direito à adoção por vias legais, sem nenhu-

ma relação com o seu status de artista. Ele adotou e comemorou a chegada de suas duas filhas. Johnny foi pai por quatro vezes, e há apenas uma verdadeira emoção que deve ser destacada: a de Johnny ser quatro vezes pai.

Jade e Joy são filhas de Johnny, tanto quanto as crianças oriundas da imigração são crianças da França.





INTRODUÇÃO

Como ser adotado se o próprio poder tutelar está atravessado pelas limitações da filiação?

Esta é a questão que pode colocar o recém-chegado numa família cuja senha liberou da autoridade paterna, e que parece mais se sustentar pelo compartilhamento de um mesmo espaço do que de uma moral comum.

Restará à criança o amor em sofrimento da mãe, que sua adoção vem reparar e a condição de mantê-lo sem considerar a sua própria emancipação. Origem, sem dúvida, do desejo muito frequente de um retorno à origem, de reencontrar aquela que teve a coragem da separação, ao risco de ser confrontado pelo real de um traumatismo e não pela operação simbólica de uma transmissão.

O problema da transmissão está também no seio das dificuldades da criança imigrada. Destacamos neste caso também, a demissão do fator cultural, pois o biologismo que prediz leva à questão genética, independentemente da inteligência dos atores.

A religião, os costumes e a história estão no encontro e dividem a criança entre a consideração da origem e a consideração daqueles que a acolheram. Atualmente, é surpreendente ver como, em reação, os mais ativos amantes da nossa cultura estão dentre as crianças imigradas, mas também, os mais ativos inimigos, prontos à guerrear.

Nossa atividade de clínicos com essas crianças demonstram que paixões nacionalistas estão presentes em povos que imaginávamos pacificados pela Europa. Se elas valem para o país de acolhimento, como recusar aquelas dos imigrantes?

Uma questão coletiva se coloca, a de saber, se as fronteiras da nação se confundem com aquelas da humanidade.

Os clínicos que escrevem este livro são, eles mesmos, imigrantes ou filhos de imigrantes. Eles sabem, através da carne e da alma, que se as identidades são diferentes, o amor que elas suscitam, e também a raiva, estão sempre presentes, bem como as defesas contra a incapacidade geral dos nossos dias em responder à questão do ser.

Charles Melman